

FESTA DA EPIFANIA DO SENHOR

A celebração deste domingo ainda está em profunda sintonia com o Natal de Nosso Senhor. Celebramos a manifestação de Jesus a todos os homens e mulheres em todos os tempos. A visita dos Magos do Oriente nos recorda que Jesus não veio a este mundo somente para alegrar a vida de uma família, de algumas pessoas, ou de uma região ou mesmo de uma nação: Jesus pertence a toda humanidade e em todos os tempos.

Mateus inicia o relato dando duas informações: “*Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia*”. O local confirma a tradição do nascimento em Belém, ideia que será repetida mais vezes, isto para confirmar a forte ligação de Jesus com a tradição sobre o messias como descendente de Davi, rei ungido em Belém (1Sm 16,1-13). “*No tempo do rei Herodes*”. Um personagem histórico conhecido, mas nada será dito sobre este rei.

Os viajantes do Oriente eram pessoas que conheciam os astros e as estrelas, característica marcante dos povos daquela região de onde partiram. Movidos pelo conhecimento que tinham do céu perceberam que havia uma “estrela diferente no firmamento”. Até onde descobriram, concluíram que valia a pena arriscar deixar tudo e buscar o “dono” daquela estrela diferente. O céu com suas estrelas era visível para todos, mas somente os magos perceberam que algo diferente estava acontecendo.

Os magos do Oriente representam muito bem a nossa caminha de fé e busca de Deus. Eles saíram de longe, se orientaram com o que sabiam, se perderam na caminhada, foram a lugares errados em busca de respostas, mas não desistiram jamais. Abandonaram suas terras em busca de um rei e encontraram um menino; buscaram nos palácios e terminaram a jornada em um local simples (Mateus diz “casa”; Lucas, um local para animais); acharam que tudo estaria resolvido com as pessoas mais importantes da época, mas tudo só teve sentido quando encontram a família de Nazaré.

A ciência que eles tinham os conduziu e os animou em uma longa jornada, mas ela não deu todas as respostas. Chegaram até Jerusalém, pensando que lá teriam uma explicação para tudo, mas obtiveram somente parte da solução. A ciência dos magos os levou até a cidade dos profetas e do Povo de Deus, mas somente conseguiram prosseguir a busca quando tiveram contato com a Palavra de Deus. O evangelista Mateus nos conta que de um lado a cidade ficou agitada e Herodes ficou com medo; e de outro lado, os magos se encheram de alegria. Os viajantes do Oriente foram um grande instrumento de revelação para os grandes de Jerusalém (Herodes e sacerdotes), mas preferiram ignorar tudo.

Todos os convocados por Herodes (sacerdotes e Escribas) se mostraram entendidos nas Escrituras, mas fechados em suas esperanças. Para os sacerdotes não havia necessidade de novidades e preferiram ficar com Herodes do que seguir os magos. Eles mesmos foram instrumentos de uma Nova Esperança, mas não abraçaram aquilo que leram e conheciam (a Palavra de Deus). Os homens da religião e da Lei preferiram ficar em Jerusalém, pois lá eles já tinham o Templo, as festas, os sacrifícios e suas tradições, eles não queriam saber da novidade do menino que atraía pessoas de terras distantes.

Na cidade de Jerusalém, a “estrela guia” não pode ser mais vista. No palácio do rei não há espaço para os sinais de Deus. Nos lugares onde a prepotência daqueles que se sentem grande, Deus não pode ser visto. Onde há mentira, não brilha a luz de Deus. Mas, ao saírem da cidade dos poderosos daquela época, a alegria retornou. Antes viam a estrela somente com seus conhecimentos, ao deixar a Cidade Santa, foram alimentados pela esperança das profecias da Palavra de Deus. Agora a viagem deles estava animada com um novo sentido: estavam no caminho certo e estavam próximos! Os magos (estrangeiros e vindos de terras pagãs) se aproximavam cada vez mais de Jesus; os sacerdotes e a religião oficial, cada vez mais distantes.

Antes, a Cidade Santa, Jerusalém, era o centro e o ponto de chegada de todos os peregrinos; agora com Jesus, passa a ser somente instrumento e passagem que conduz ao verdadeiro sentido de qualquer jornada. Belém, a “menor das cidades” faz sombra a grande cidade de Jerusalém.

Eles perceberam que os sinais de Deus possuíam um sentido próprio e uma grandeza particular. Não deviam mais buscar entres os grandes, mas deveriam se guiar pelos sinais de Deus que estavam longe da prepotência, da mentira e da falsa sabedoria humana.

Os magos tinham buscado em lugares onde a grandeza dos homens brilhava e por isto, os sinais de Deus não tinham espaço. Em Belém tudo se revestiu de significado e sentido. Não encontraram nada espantoso ou espetacular, mas somente uma família com um recém-nascido. Os três presentes são simples e significativos: ouro para reis e deuses; incenso para divindade e perfume para um grande homem.

Eles oferecem presentes, mas os magos é que foram presenteados por um sentido novo em suas vidas e para a humanidade. Algo profundo e especial aconteceu com eles: tinham se transformado em homens que se guiavam não mais pelas certezas humanas, mas pela fé que tem sua raiz na Palavra de Deus. Para o mundo era somente uma criança em seus primeiros momentos, para Herodes uma ameaça, mas para os magos era o próprio Deus que rege tudo e todos. Assim, se ajoelharam e o adoraram. O mais importante não foram os presentes (apesar de serem significativos), mas a constante busca e a força de vontade de procurar sempre, mesmo errando e com

incertezas. Na caminhada que fizeram tudo foi ganhando sentido e os sinais foram tornando a viagem mais segura e certa. Sem o amadurecimento nos erros eles não teriam percebido que tudo estava tão fácil de ser encontrado.

Os magos do Oriente representam todas as pessoas de fé que em todos os tempos buscam se encontrar com Jesus e dar uma resposta ao sentido de suas vidas. Os sinais de Deus estão ao nosso lado, ao nosso redor e nas pessoas que convivemos. São grandes sinais, mas nas pequenas coisas. Toda salvação e todas as promessas tiveram significado quando encontram o Menino Deus, não no palácio do rei e nem no Templo de Jerusalém, mas em uma família e em um bebê nos braços de sua mãe.

Isaías na primeira leitura já tinha profetizado e dado a dica mais importante: levantar a cabeça e olhar para o céu. Assim, não somente o povo de Deus no AT, mas também os magos do Oriente colocaram em prática essas palavras. Assim, a fé cristã jamais deve esquecer que sua missão é levar Jesus para todas as pessoas e a todos os povos, concretizando as Palavras de São Paulo na segunda leitura. O apóstolo dos gentios nos lembra da alegria da mensagem de Deus que deve ser universal, pois todos os povos estrangeiros, em Jesus e no Batismo se tornam membros do mesmo corpo que é a Igreja e herdeiros das mesmas promessas de Cristo.

Mateus faz questão de lembrar que Jesus, o recém-nascido, estava com sua mãe: “acharam o menino com Maria, sua mãe” (v.11a). Em seus braços, o Eterno Rei recebe adoração e veneração. Maria é o amparo mais profundo para Jesus e ao mesmo tempo o trono onde o Messias é reconhecido. O destino da mãe e do filho estão selados para sempre!

Pe Dirlei